

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE POESIA INFANTIL

Juliana Silva Loyola SANTANA*

Pouco se fala sobre a poesia infantil moderna no Brasil. Talvez porque os títulos de literatura infantil que se encontram no mercado sejam, em sua grande maioria, prosa.

Mesmo assim há autores que se preocupam com a questão da poesia na infância bem como bons livros de poesia infantil em circulação.

Maria da Glória Bordini, em seu livro *Poesia Infantil*(1), realiza um trabalho que vai desde uma fundamentação sobre a Literatura Infantil no Brasil, sua situação e problemas até tratar especificamente a questão da poesia infantil - como o próprio nome do livro indica - refletindo sobre a importância da poesia na infância e na vida do homem em geral e analisando, criticamente, alguns poemas feitos para crianças. Em seu livro, a autora menciona a escassez de bibliografia sobre o tema no Brasil.

No presente trabalho, tomamos o livro de Maria da Glória Bordini, *Poesia Infantil*, e o artigo *Poesia para crianças: a mágica da eterna infância*(3), de Glória Maria Fialho Pondé, como os pontos de partida e o nosso principal referencial teórico.

No Brasil, o nascimento da poesia infantil, enquanto gênero, deu-se no século XVIII. Até então, o conceito de infância norteava-se pela noção de que a criança era um adulto em miniatura e apenas lhe faltava o crescimento físico. A partir do século XVIII, a infância passa a ser

* Aluna do Programa de Pós-Graduação

vista como um estágio de formação para a vida e, por isso, merecedora de atenções especiais.

Segundo Maria da Glória Bordini, podemos observar que, desde seu nascimento, "a poesia infantil segue, historicamente, três caminhos diferentes". Num primeiro momento, há a apropriação de criações folclóricas de origem camponesa independentemente de serem do domínio infantil ou adulto; outra tendência que caracterizou a poesia infantil foi a utilização do tema da infância enquanto um "dever-ser-infantil", transformando algumas noções desse "dever-ser" em versos; e por último, houve a adaptação de poemas clássicos, tais como *Os Lusíadas* e *I Juca Pirama*, com os devidos cortes, para serem lidos por crianças.

Mas muito já se fez além disso pela poesia infantil no Brasil. É claro que a poesia também esteve e está sujeita a toda sorte de contratempos vividos pela Literatura Infantil no Brasil que, desde seu nascimento, vem sendo confundida com tantas outras coisas não menos dignas que ela, porém de naturezas completamente diferentes.

A Literatura Infantil sofre ainda hoje as conseqüências de ter sido encarada como instrumento pedagógico "a priori", e com a poesia dedicada à criança não acontece diferente. Diz Maria da Glória Bordini: "O caso da poesia é exemplar, quanto às conseqüências da adaptação, dentro da Literatura Infantil. Setor tradicionalmente ultravalorizado da criação verbal artística, quando recebe o adjetivo infantil tende a perder sua natureza poética num balbucio meloso de emoções ou na voz estrondejante que exalta deveres cívicos ou familiares como se pode perceber no texto de Olavo Bilac" (1, p.8), *Ave Maria*:

Meu filho! termina o dia...
A primeira estrela brilha...
Procura a tua cartilha
E reza a Ave-Maria!

O gado volta aos currais...
O sino canta na Igreja...
Pede a Deus que te proteja
E que dê vida a teus pais!

Ave-Maria!... Ajoelhado,
Pede a Deus que, generoso,
Te faça justo e bondoso,
Filho bom e homem honrado;

Que teus pais conserve aqui,
Para que possas, um dia,
Pagar-lhes em alegria
O que sofreram por ti.

Reza e procura o teu leito,
Para adormecer contente;
Dormirás tranqüilamente,
Se disseres satisfeito:

- Hoje, pratiquei o bem;
Não tive um dia vazio,
Trabalhei, não fui vadio
E não fiz mal a ninguém

Se por um lado a poesia serviu e, em alguns casos, ainda serve de instrumento moralizador nas mãos do adulto que se dirige à criança, por outro lado ela pode atuar como meio emancipador e humanizador, cumprindo assim uma função que, por natureza, pertence à literatura.

Vista com tais olhos, como um meio humanizador, a poesia revela-se como instauradora de novas linguagens, porque é ela própria a linguagem do interior, da lógica interna do ser humano.

Na poesia, a palavra ganha uma nova força diferente daquela que apenas representa alguma coisa. Na poesia, a palavra é a apresentação viva daquilo que quer expressar, pois, segundo nos diz Glória Maria Fialho Pondé: "O poema transcende o

discurso. Nascido da palavra, desemboca em algo que o transpassa. A experiência poética é irreduzível à palavra, embora só a palavra a exprima" (3,p.98).

No caso da poesia infantil, quando esta função poética da palavra é mal entendida, resultam disso textos ornados de mensagens moralizadoras que antes de qualquer outra coisa, pretendem moldar comportamentos, impor atitudes ao leitor. É importante que se diga que tais textos, postos em circulação pelo mercado editorial, concorrem em pé de igualdade com a genuína poesia.

Nesse sentido, os danos causados à criança pelo texto poético comprometido em primeiro lugar com valores pedagógicos são ainda maiores do que os danos causados pelos textos em prosa assim também conduzidos, pois como ainda nos diz Glória Maria Fialho Pondé, "a essência do poema reside na emoção, nos sentimentos, na meditação, nas vozes íntimas que tal episódio ou circunstância suscitam na subjetividade do poeta. A poesia é por isso, a linguagem que mais revela o conteúdo humano, pois trata sobretudo das emoções"(4,p.65). Eis por que um texto que se diz poético, mas que na verdade dá prioridade aos "conselhos morais", fere em muito maior escala a experiência de leitura das crianças e não só das crianças mas de qualquer leitor.

A incapacidade de ler criticamente e o desinteresse generalizado pela leitura são, para falar de maneira ampla, alguns resultados possíveis de serem observados em adultos que na infância tiveram contato apenas com textos caracteristicamente moralizadores.

Diz Maria da Glória Bordini que: "...impensável sem a criança como destinatário, a poesia infantil precisa, apesar do paradoxo, esquecer-se de seu alvo para poder agenciar o efeito poético que deverá provocar, caso não deseje trair um público confiante e incapaz de defender-se de contrafações" (1,p.11). Embora não consideremos o leitor mirim atual tão indefeso assim, fica claro nas palavras de Bordini que,

antes de ser infantil, a poesia deve ser apenas e tão somente poesia.

Além de traduzir o conteúdo humano, ou talvez por isso mesmo, a poesia apresenta-se sempre através de uma linguagem econômica, uma vez que lança mão de imagens e símbolos, deixando de lado o que é desnecessário, supérfluo. Nesse sentido, a representação imaginária constitui um elemento fundamental na produção de efeito estético de um texto poético e, no caso da poesia infantil, isso é ainda mais evidente, pois tal representação imaginária vem de encontro a necessidades infantis reveladoras, uma maneira particular e característica de ser das crianças.

Através de um processo de transgressão da sintaxe acadêmica - às vezes mais evidente às vezes menos - a boa poesia infantil lança mão de uma linguagem que é imagem, que é símbolo, tendo em vista não só os objetivos poéticos, mas também a identificação com o pensamento infantil, cuja característica principal é a apreensão emocional, associativa e animizadora do mundo.

Podemos concluir, então, que todos esses dados nos conduzem à reflexão em torno do tratamento estático, conferido aos textos poéticos infantis. E ainda, a preocupação, a priori, com o valor estético não vale somente para os textos de poesia, mas para todo o acervo da chamada Literatura Infantil que, a nosso ver, deve preocupar-se primeiro, e antes de tudo, com o valor literário de que devem estar imbuídos os textos dirigidos à criança. Sem a consideração desse valor como elemento indispensável à produção literária para crianças, nunca chegaremos a um estatuto que legitime a Literatura Infantil enquanto literatura e não enquanto aquilo que é feito para crianças e jovens aprenderem a gostar de ler. A presença da literatura na vida do homem é mais ampla e mais profunda do que isso, e nosso esforço deve acontecer no sentido de incentivar uma produção literária que, antes de ser para crianças, tem o compromisso de ser arte.

Passemos agora a uma rápida análise do poema infantil *Boas maneiras*, do livro *A televisão da bicharada* (2), de Sidônio Muralha.

Nele observaremos, principalmente, como o poeta atingiu êxito na produção de efeito estético, a partir de uma boa elaboração das imagens que, auxiliadas ainda pelas belas ilustrações de Fernando Lemos fazem de *A televisão da Bicharada* um bom livro de poesia infantil

BOAS MANEIRAS

Muito ao de leve
muito devagar
o peixe dourado
na areia escreve
um livro de adivinhas
cheio de conchinhas
e estrelas do mar

Começa a bailar
um peixe malhado
e vem apagar
o que escreve, escreve,
muito ao de leve, muito devagar,
o peixe dourado no fundo do mar.

Senhor peixe malhado,
é tão bom bailar
mas por favor deixe
deixe
sossegado
o peixe dourado
no fundo do mar.

Diz o peixe malhado:
- Queira desculpar
eu não tinha reparado
no peixe dourado
nem no livro de adivinhas
feito de conchinhas
e estrelas do mar.

Em *Boas Maneiras*, o ambiente é o fundo do mar. Estão pois, em relevo, o movimento vagaroso dos peixes, indo e vindo, e elementos tais como areia, conchas, estrelas do mar.

Os movimentos do peixe dourado são definidos com as palavras "leve", "devagar" que, como foi dito anteriormente, não apenas significam leveza, lentidão mas, no texto, se tornam símbolo, representação do movimento. Além disso, a imagem de um peixe dourado, dispendo conchinhas e estrelas do mar na areia, já é por demais poética.

A entrada do peixe malhado no poema é traduzida pela idéia de um "ballet" - "começa a bailar um peixe malhado". Sua passagem causa danos ao trabalho do peixe dourado - o movimento da água faz desmanchar o livro de adivinhas - mas tal prejuízo não é apresentado através de uma imagem agressiva. Pelo contrário, a passagem do peixe malhado, movimentando a água e desmanchando o livro, é responsável por um momento de leveza e suavidade.

Durante todo o poema, podemos sentir, através das palavras-imagem, a leveza da água, a leveza dos peixes, a textura fina da areia. A desorganização das conchinhas e das estrelas do mar aparece para o leitor como que em "câmara lenta", como tudo o que está no poema. Esse é um recurso visual, mas que, no poema, se realiza pelas palavras. Momentos de repetição de vocábulos também traduzem a idéia de lentidão: "o que escreve, escreve, muito ao de leve...", ou "mas por favor deixe, deixe sossegado o peixe dourado..." Portanto, o movimento é traduzido de modo a acompanharmos, com a leitura, o clima submarino onde se passa a cena. E não apenas acompanhamos, mas ficamos imbuídos dele.

O título *Boas Maneiras* poderia sugerir, num primeiro momento, um texto-pretexo para ensinamentos de como devem comportar-se pessoas bem educadas. Porém, percebemos, ao longo da leitura, que isso não é evidenciado em momento

algum, embora, ao final da leitura, saibamos justificar o título.

Trata-se pois, a nosso ver, de um poema bem escrito e que, com certeza, agrada não só ao público infantil, mas a qualquer leitor. A poesia em sua simplicidade pode e deve estar presente na iniciação ao ato de ler. Começar pela poesia pode ser o mesmo que começar pelo mais simples, o mais sintético e, ao mesmo tempo, o mais rico dos caminhos que conduzirão à formação de um leitor sensível e, por isso, crítico e, mais ainda, um leitor consciente do valor e do prazer de ler.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) BORDINI, M. G. *Poesia Infantil*. São Paulo: Ática, 1986.
- (2) MURALHA, S. *A televisão da bicharada*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1988.
- (3) PONDÉ, G. M. F. *Poesia para Crianças: a mágica da eterna infância*. In: _____. *Literatura Infanto-Juvenil: um gênero polêmico*. [s.n.t.].
- (4) _____. *Poesia e Folclore para criança*. In: Zilbermana, R. (org.). *A Produção Cultural para a Criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.